NOVOS CÉUS E NOVA TERRA (Is 65,17–66,4)

Shigeyuki Nakanose*

Introdução

"Eu quero ver acontecer, um sonho bom, sonho de muitos, acontecer! Sonho que se sonha só, pode ser pura ilusão. Sonho que se sonha junto é sinal de solução!" Assim cantam nossas comunidades, buscando somar forças na concretização de seus sonhos. Para abrir o estudo de Is 65,17–66,4 nada melhor do que partilhar o sonho de "novos céus e nova terra", a partir da luta de uma comunidade dos sem-teto, no Brás, centro de São Paulo. Nesse local, assessores e assessoras do Centro Bíblico acompanham os grupos de reflexão bíblica.

O estudo bíblico com a população de rua tem sido um elemento importante para animar a vida daqueles e daquelas que sofrem todo tipo de exclusão e abandono por parte da sociedade. No início, os encontros aconteciam nas manhãs de domingo, numa sala na torre da Igreja do Bom Jesus, no Brás. Atualmente, os encontros são realizados num salão alugado, na mesma região, onde são desenvolvidas as atividades com o Povo da Rua. Os encontros para estudar e rezar a Palavra de Deus têm-se multiplicado, acontecendo também durante a semana. O grupo com o qual trabalhamos é formado por pessoas que estão sem-teto, vivem nas ruas ou em albergues, mas ainda têm alguma perspectiva de vida. Esse grupo é preparado e acompanhado em sua caminhada, em seguida eles participam de algumas atividades, como a do Movimento dos Sem Terra – o MST – para, a partir daí, reivindicar um pedaço de terra para si e sua família, e assim reconquistar a sua cidadania e dignidade humana.

Essa missão é realizada por uma equipe de pessoas voluntárias. A equipe vai às ruas, casas de convivência, portas de albergues, e convida as pessoas que moram nas ruas para participar dos encontros. O programa de formação e conscientização dessa população aborda temas sobre cidadania, reforma agrária e estudo bíblico. Escolhemos para um encontro o tema: A Bíblia e a questão agrária, uma reflexão a partir do estudo de Is 65,17–66,4.

Primeiramente, fez-se uma introdução contextualizando o texto bíblico, colocando-o numa linguagem acessível a todos os participantes. Para facilitar a leitura e a participação das pessoas, formaram-se pequenos grupos para ler e escutar novamente o texto bíblico, levantar suas dúvidas e fazer novas descobertas; em seguida, relacionar com a realidade atual, tendo presente as seguintes questões: Como estamos vivendo? Como queremos viver? O resultado da reflexão deveria ser apresentado de maneira criativa.

* Este artigo é fruto de diálogo com as/os assessoras/es e colaboradores do Centro Bíblico Verbo: Enilda de Paula Pedro, Francisco Orofino, Luiz Dietrich, Maria Antônia Marques, Rejane de Paiva e Valmor da Silva.

Um grupo partilhou sua reflexão com a seguinte cena: os participantes formaram uma pirâmide usando mesas, cadeiras e caixotes. No ponto mais alto ficou um homem bem vestido, com um grande pão nas mãos. Logo abaixo, outros dois que receberam uma ponta do pão, deixando cair algumas migalhas. Os demais membros do grupo permaneceram no chão, tentando individualmente recolher as migalhas. Nas suas roupas estavam colados papéis onde se encontravam desenhos, como por exemplo: bola, garrafa de cachaça, vidros e latas. E também as seguintes palavras: droga, desemprego, individualismo, desânimo, medo etc. Enquanto isso cantavam: "na terra dos homens pensada em pirâmide, há poucos em cima e muitos na base... os poucos de cima, esmagam a base..."

Aos poucos, as pessoas da base foram despertando e se organizando. Começaram a balançar a pirâmide até derrubá-la. O grupo maior tomou posse do pão e o distribuiu a todos. Continuaram cantando: "e a terra dos homens já sem a pirâmide, pode organizar-se em fraternidade. Ninguém é esmagado na nova cidade, todos dão as mãos em viva unidade".

O sonho nasce da realidade, de pequenas conquistas e vitórias, quando as pessoas tomam consciência de sua dignidade e se unem para reivindicar seus direitos. A não-vida de muitos é um apelo para criar vida para todos. Somos conclamados para construir "novos céus e nova terra", começando aqui e agora. A literatura apocalíptica, desde as suas origens, é uma espera ativa. A intervenção de Deus supõe a nossa atuação.

A proposta do estudo de Is 65,17–66,4 é evidenciar que a literatura apocalíptica é uma mensagem que impulsiona as pessoas para construírem uma nova sociedade. Vejamos o que diz o texto:

> (65,17) *"Pois, olhe para mim, vou criar novos céus e nova terra; as coisas passadas não serão lembradas, nem tornarão a vir ao coração. (18) Alegrai-vos, pois, e regozijai-vos para sempre com aquilo que estou para criar: eis que farei de Jerusalém um júbilo e do seu povo uma alegria. (19) Sim, regozijar-me-ei em Jerusalém, sentirei alegria em meu povo. Nela não se tornará a ouvir choro nem clamor. (20) Já não haverá ali criança de peito que viva apenas alguns dias, nem velho que não complete a sua idade; com efeito, o menino morrerá com cem anos, e quem não chegar aos cem anos será tido por amaldiçoado. (21) Construirão casas e nelas habitarão, plantarão videiras e comerão os seus frutos. (22) Já não construirão para que outro habite a sua casa, não plantarão para que outro coma o fruto, pois a duração da vida do meu povo será como os dias de uma árvore, os meus eleitos consumirão eles mesmos o fruto do trabalho das suas mãos. (23) Não se fatigarão inutilmente, nem gerarão filhos para a desgraça; porque constituirão a raça dos benditos de Javé, juntamente com os seus descendentes. (24) Acontecerá então que antes de me invocarem, eu já os terei atendido; quando ainda estiveram falando, eu os terei ouvido. (25) O lobo e o*

cordeiro pastarão juntos e o leão comerá feno com o boi. Quanto à serpente, o pó será o seu alimento. Não se fará mal nem violência em todo o meu monte santo, diz Javé. (66,1). Assim diz Javé: O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me haveis de fazer, que lugar para o meu repouso? (2) Tudo isto foi a minha mão que fez, tudo isso me pertence, oráculo de Javé! Eis para quem estão voltados os meus olhos: para o pobre e para o abatido, para aquele que treme diante da minha palavra. (3) Há quem sacrifica um boi, e depois mata um homem; há quem oferece um carneiro no altar, e depois arrebenta a cabeça de um cachorro; há quem apresenta uma oferenda, e é como se fosse carne de porco; há quem faz uma louvação com incenso, e é como se louvasse um ídolo. Todos eles escolheram seu próprio caminho e se alegram com suas abominações. (4) Também eu zombarei deles e trarei sobre eles aquilo de que têm pavor, pois chamei e ninguém respondeu, falei mas eles não deram ouvidos; antes fizeram o que é mau aos meus olhos e optaram por aquilo que não me apraz".

Situando o texto

Is 65,17–66,4 está inserido no conjunto dos capítulos 65–66 do chamado Terceiro Isaías (Is 56–66). Este livro brotou na terra de Judá, no começo do pós-exílio e buscava sustentar a esperança do povo naquele terrível momento de crise. Os capítulos 65–66, do livro de Isaías, são considerados um dos primeiros esboços de literatura apocalíptica. A linguagem é prenhe de esperança na mudança imediata da realidade por intervenção divina: "Pois, olhe para mim, vou criar novos céus e nova terra".

Isso torna-se patente se compararmos Is 65–66 com o livro do Apocalipse, escrito por volta do ano 100 dC, para animar a fé e sustentar a esperança das comunidades cristãs da Ásia Menor, num momento de grande sincretismo religioso e de violenta perseguição por parte do Império Romano:

– 65,17 = 21,1.5
– 65,17: criação nova = 21,1 (novo céu)
– 65,18-19: cidade nova = 21,2-3 (morada de Deus); 21,9-27 (cidade santa)
– 65,21-25 (paz e felicidade) = 21,4 (abolição de morte)/22,4 (vida)
– 66,18-20.23 (universalismo) = 21,3.4
– 66,21-23 (liturgia sem fronteira) = 21,6.22-23

A literatura apocalíptica da Bíblia Hebraica tem suas origens no começo do pós-exílio (538 aC), quando a elite sacerdotal de Judá assumiu também a tarefa política e cooptou a palavra profética (Ez, Ag, Zc, Ml,...). A partir daí a profecia foi enfraquecendo, pouco a pouco perdeu a sua força e, simultaneamente, a literatura apocalíptica floresceu, sobretudo durante o domínio dos gregos (333–63 aC) e dos romanos (63 aC–135 dC), representada no Novo Testamento pelo livro do Apocalipse (95 dC). Enquanto a profecia, em Israel, havia se desenvolvido numa sociedade organizada

pela monarquia, a apocalíptica, por sua vez, é típica da sociedade que vive sob o domínio dos grandes impérios. Para Judá essa passagem aconteceu durante o domínio persa (538–333 aC), época em que situamos a redação de Is 65–66.

Os textos apocalípticos são mensagens de esperança para o povo de Deus oprimido por suas lideranças e perseguido pelos grandes impérios. A profecia enfoca os problemas internos e se dirige a um governo concreto. A literatura apocalíptica, por sua vez, é mais abrangente, ela está voltada para o conflito com os grandes impérios. Sentindo-se impotente diante dos problemas da vida nacional e internacional, o visionário assume o lugar do profeta e começa a anunciar a realização da vontade de Deus, instaurando seu reino num futuro próximo (Is 65,17–66,4). Com isso, ele quer consolar e fortificar o povo, ajudando-o a encontrar caminhos para enfrentar a opressão no momento presente (Is 66,5-24).

Uma retrospectiva do contexto histórico de Judá, logo após o exílio na Babilônia, pode nos ajudar a entender o surgimento da literatura apocalíptica, cujos sinais aparecem no nosso texto de estudo.

Quando Nabucodonosor, imperador da Babilônia, invadiu Judá pela segunda vez, em 587 aC, levando preso o rei Sedecias, Judá perdeu, de uma vez por todas, sua condição de Estado "independente" e passou a ser colônia da Babilônia. Em 539 aC Ciro, rei persa, assumiu o controle da Babilônia. Esse rei permitiu a volta dos exilados, bem como de todos os objetos do Templo que haviam sido levados para a Babilônia por Nabucodonosor (2Rs 24,13; Esd 1,7). A Pérsia determinou a reconstrução do Templo, dando inclusive ajuda material para as obras (Esd 6,1-12). Isso aconteceu porque o império tinha interesse na organização do povo, ao redor do Templo, para reconstituir a economia de Judá. Na realidade, a Pérsia precisava de duas coisas: colocar um povo aliado na fronteira com o Egito, como "testa de ferro", e conseguir tributo.

O Imperador da Pérsia não unificava suas conquistas pela imposição de sua própria religião. Nesse sentido, ele respeitou o deus Marduc, da Babilônia, e o Deus Javé, de Judá, com os costumes religiosos locais. Mas isso era uma pseudoliberdade. Pois as províncias persas não tinham liberdade econômica, nem política. Elas eram divididas em satrapias, governadas por um sátrapa, escolhido pelo rei entre os nobres. O sátrapa era um tipo de vice-rei em seu território. Tinha corte, palácio e funcionários. O governo persa controlava os sátrapas através de um forte poder central, com um eficiente sistema de fiscalização constituído de pessoas de confiança do rei. Tais inspetores eram chamados "olhos e ouvidos do rei". Nada escapava ao seu controle! A principal atividade do sátrapa era coletar e enviar ao imperador persa o tributo anual da província, que normalmente era pago em metais preciosos e em espécie. Nesse sentido, os templos das províncias dominadas eram espaços privilegiados para esse serviço ao império.

Assim, muitos exilados voltaram a Judá com dinheiro para reconstruir o Templo. Esse grupo, chamado de "Golá" – aqueles que voltaram do exílio, cf. Esd 2,1 –, veio comandado pelos sacerdotes com ordem de iniciar as obras de reconstrução do Templo. Mas houve muita resistência (Esd 4), sobretudo dos samaritanos que não queriam perder sua hegemonia (Ne 3,33-37). Os camponeses ou pobres da terra, que haviam ficado no interior de Judá e tinham seu jeito popular de se organizar e celebrar sua vida, eram contra a construção do Templo (Is 66,1-2). Para eles a prática da justiça era o verdadeiro culto (cf. Is 58,1-10). Por isso, não podiam concordar com a proposta de reconstrução do Templo, meio de a elite religiosa e a Pérsia sugarem deles a produção.

Esse povo vivia oprimido de todos os lados. Samaria, que manteve o domínio de grande parte da região de Judá no período do exílio, não queria perder suas prerrogativas e atacava sempre que podia. A Pérsia os explorava com pesados tributos (Ml 1,8). Os edomitas, desde Edom e Laquis (Ab 2–5), controlavam as rotas, excluindo os judaítas do comércio. Como se não bastasse este sofrimento, ainda havia os sacerdotes, que chegaram da Babilônia como os verdadeiros donos da terra e da religião do povo (cf. Ez 40–48).

Por volta de 515 aC, o Templo foi inaugurado. A situação do povo continuou piorando sempre mais. Josué, o sumo sacerdote, assumiu no lugar do rei o controle da comunidade (cf. Zc 6,11). No livro de Malaquias, levitas, marginalizados e excluídos da participação no culto, denunciam a corrupção dos sacerdotes dirigentes, aliados do império persa, que mantinham a hegemonia do Templo como instrumento de exploração do povo (Ml 1,6–2,9).

Is 65–66 é fruto da vivência de camponeses e camponesas, povo pobre que vivia no interior de Judá no início da dominação persa. Em seu meio havia muitos levitas (cf. Ml 2–3), que se tornaram porta-vozes do povo duplamente explorado: pelos persas e pela elite sacerdotal de Judá.

Estrutura do texto

Is 65 está profundamente ligado a Is 66, com o qual tem mais de quinze expressões semelhantes, como *regozijar, servo, fizeram o que é mal aos meus olhos*; e vários temas em comum, como por exemplo *Nova Jerusalém, condenação do culto*, entre outros. Estes dois capítulos são considerados uma inclusão e fecham o livro do Terceiro Isaías.

Olhando esse pequeno conjunto percebemos que ele está estruturado em forma de quiasmo:

A. 65,1-16: Javé denuncia a injustiça praticada contra os seus servos.

B. 65,17–66, 4: projeto da Nova Jerusalém.

A'. 66,5-24: Javé confirma os seus servos na Nova Jerusalém.

Neste artigo vamos refletir o centro do quiasmo, onde se encontra o projeto da Nova Jerusalém. O sonho do povo que vive oprimido por sua elite e pelo império persa.

Isaías 65,17–66,4 contém dois oráculos (65,24-25 e 66,1-2a), emoldurados por duas descrições (65,17-23 e 66,2b-4). Este texto apresenta a seguinte estrutura:

A. Is 65,17-23: Do sofrimento nasce o sonho.

B. 65,24–66,2a: Passos para a realização do sonho.

A'. Is 66,2b-4: Reorganizar a sociedade a partir do pobre.

Em primeiro lugar, o autor descreve a nova criação, apresentando como será a Nova Jerusalém. Diz que o povo se alegrará e o criador também se regozijará e se alegrará com o seu povo (65,18-19). Na nova sociedade não haverá clamor (65,19), todas as bênçãos de Javé se realizarão. O povo terá longevidade (65,20), casa, terra e comida (65,21), descendência (65,23), poderá usufruir do próprio trabalho (65,22), enfim, as pessoas terão os bens necessários para viver de maneira digna. A opressão acabará!

Após apresentar a nova cidade, temos o primeiro oráculo contra os dirigentes opressores. Este oráculo inicia-se com a conjunção conclusiva: *Acontecerá então...*, afirma que o diálogo entre Javé e a raça dos benditos será pleno (65,24), a paz e a justiça reinarão; os dirigentes são convidados a partilhar com os pobres (65,25) e conclui com a fórmula oracular final: *assim diz Javé* (65,25c). Em seguida, há um novo oráculo que inicia e termina com a fórmula clássica: *"Assim diz Javé"* (66,1a) e *"Oráculo de Javé"* (66,2a). Neste oráculo, o autor proclama que tudo pertence a Javé e, num tom irônico, questiona a construção de uma casa para Javé. Através do texto é possível concluir que o autor do texto, ou autores, estão exigindo a relativização e reformulação do sistema de corrupção praticado no Templo. Isso se tornará mais evidente ao examinarmos o último bloco.

A moldura final é Is 66,2b-4. O versículo 2b inicia-se com o advérbio *eis*, que equivale a dizer: aqui está. Tem o objetivo de chamar a atenção para mostrar que os olhos de Javé não estão no Templo ou no culto, *mas no pobre e abatido, naquele que treme diante da minha palavra* (66,2b). Em seguida, condena aqueles que oprimem o povo, os dirigentes, aqueles que não ouviram a Palavra. Esses serão castigados em vista de sua própria opção (66,3-4).

Destacamos, em linhas gerais, como o texto foi construído, os elementos marcantes e a quem foi dirigido. O texto foi escrito, em sua maior parte, na primeira pessoa. Isso nos leva a afirmar que o seu autor é alguém que está vivendo nesse contexto e, ao mesmo tempo, insurge-se contra os opressores anunciando uma nova sociedade. Conhecendo essa estrutura, vamos dar mais um passo na compreensão do texto.

Comentando o texto (Is 65,17–66,4)

Um olhar atento na linguagem do texto pode nos levar a novas descobertas. Vejamos! Três animais ferozes se destacam: *leão*, *serpente* e *lobo* (Is 65,25). Quem são eles? O que representam para a comunidade do Terceiro Isaías?

Ora, o leão, em hebraico *'aryeh,* aparece em outros textos, como por exemplo: Mq 5,7 e Jr 2,30. Esse termo era usado para simbolizar a força e a violência do império. A serpente, *nahash,* era um animal traiçoeiro e sedutor. Em Gn 3 ela aparece como um ser hostil a Deus e inimigo (adversário) do ser humano (Israel) (cf. Dt 8,15; Is 27,1; Sl 58,5; Pr 23,32). Para alguns profetas, como Isaías e Jeremias, ela é símbolo do império (cf. Is 14,29; Jr 46,22).

Portanto, estamos diante de dois termos que descrevem a força e a violência do sistema opressor. No tempo do Terceiro Isaías, o império era a Pérsia. E o lobo? A quem se refere?

Conforme Ezequiel lobos são os chefes que despedaçam a vida do povo e derramam seu sangue, a fim de obterem lucro (Ez 22,27). O lobo, *ze'ev,* é aquele que está dentro da nação devorando a vida do povo. Em nosso texto, os lobos são os chefes injustos e corruptos da nação de Israel (Is 65,1-16). No momento são os sacerdotes dirigentes, aliados do império persa (Is 66,3-4). Eles controlam o Templo e o culto, usam a religião para extorquir a produção do povo e assim manter sua mordomia e pagar tributos ao império (Ml 1,6-9).

Os termos *cordeiro* (65,25), "meus eleitos" (65,22), "raça dos benditos" (65,23), "o pobre" (66,2), "aquele que treme diante da minha palavra" (66,2) são usados para indicar os oprimidos. O Segundo Isaías usa a palavra cordeiro, *taleh,* para referir-se ao povo exilado, que vive como escravo numa situação de exclusão (Is 40,11). Pois é exatamente esse povo excluído que se torna a raça dos benditos, *zera' berukhe* (v. 23). Essa combinação aparece somente três vezes no Antigo Testamento. Em Is 61,9 para falar do povo exilado, excluído e injustiçado, e no Sl 37,26 referindo-se ao povo pobre sem terra.

Em hebraico há vários termos para descrever o pobre. Em Is 66,2 o termo usado é *'ani,* que em geral aparece em textos jurídicos. Por exemplo: "Se você emprestar dinheiro a alguém do meu povo, a um pobre que vive ao seu lado, você não se comportará como agiota: vocês não devem cobrar juros" (Ex 22,24). No livro do Levítico 19,9-10 temos: "Quando vocês fizerem a colheita da lavoura nos seus terrenos, não colham até o limite do campo; não voltem para colher o trigo que ficou para trás, nem as uvas que ficaram no pé; também não recolham as uvas que ficaram caídas no chão: deixem tudo isso para o pobre e o imigrante... Eu sou Javé, o Deus de vocês".

No livro do Deuteronômio há a seguinte formulação: "Veja bem! Não faltam indigentes na terra. É por isso que eu ordeno a você: abra a mão em favor do seu irmão, do seu pobre e do seu indigente na terra onde você está" (15,11). "Quando você fizer

algum empréstimo a seu próximo, não entre na casa dele para pegar alguma coisa como penhor. Fique do lado de fora, e o homem a quem você fez o empréstimo, ele é que sairá para lhe trazer o penhor. Se ele for pobre, você não irá dormir conservando o penhor tirado dele; ao pôr-do-sol você deverá devolver sem falta o penhor, para que ele durma com seu manto e abençoe você. Quanto a você, isso será um ato de justiça diante de Javé seu Deus" (Dt 24,10-13).

Os pobres vivem do trabalho do dia-a-dia. O livro de Jó, escrito pouco depois do Terceiro Isaías, apresenta uma descrição detalhada da situação vivida pelo pobre, *'ani*. O capítulo 24 afirma: os pobres são roubados, escravizados, espoliados e empurrados para fora de suas terras (1-4); trabalham sob regime de escravidão, estão sem o necessário para comer e vestir: "Passam a noite nus, sem roupa para se protegerem do frio. Ensopados com as chuvas das montanhas, sem abrigo. Os injustos arrancam o órfão do peito materno, e penhoram a roupa do pobre" (7-9).

De acordo com os textos citados, o *'ani* é aquele que financeiramente vive do trabalho do dia-após-dia e, socialmente, é indefeso, sujeito a todo tipo de opressão. Vive em grandes dificuldades devido à falta de bens necessários para a própria sobrevivência. Por isso, a sociedade israelita, desde a sua formação, preocupou-se com o pobre colocando leis para defendê-lo. Conforme essa Lei, Deus é apresentado como protetor e libertador dos pobres e ordena a seu povo que faça o mesmo. Dessa forma, quem obedece é considerado justo, e os rebeldes são considerados ímpios (cf. Ez 18; Jó 24; Pr 14,21).

Em Is 66,2 encontra-se, ao lado do termo pobre, a expressão "aquele que treme diante da minha palavra". Ou seja, aquele que observa fielmente a Lei. E no contexto desse capítulo, é Lei sobre os pobres. Para eles a Palavra de Javé é mais significativa do que o Templo e o culto: "Assim diz Javé: O céu é meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa haveis de fazer, que lugar para o meu repouso?" (66,1) Ao que tudo indica, trata-se dos levitas, grupo formado por pregadores da Palavra.

Os levitas do interior de Judá, na reforma de Josias, por volta de 620 aC, foram obrigados a trabalhar no templo de Jerusalém como sacerdotes de segunda categoria (cf. 2Rs 23,9). Houve um grupo de levitas que desobedeceu à ordem de trabalhar no Templo. Alguns foram mortos e outros entraram na clandestinidade. No tempo do Terceiro Isaías, os levitas que trabalhavam no Templo sofriam com o monopólio e a corrupção praticada pelos sacerdotes dirigentes (cf. Ml 2,1-9). Os levitas do interior, viviam na própria pele o sofrimento dos pobres. Como *pregadores da palavra* eles mantinham vivo o ideal da sociedade comunitária. Foi esse grupo que ajudou a escrever o sonho de uma nova sociedade. É uma crítica voraz contra os sacerdotes dirigentes que estão usando o culto para explorar. Os levitas condenam o atual sistema do Templo. Eles defendem a Lei, mas colocam-na a serviço da vida.

O Terceiro Isaías 65,17–66,4 é um grito pela vida, retrata o anseio de vida digna para todos. De um lado estão os opressores: o império persa e a elite judaica; destaca-

mos aqui a presença dos sacerdotes que usam do Templo como sustentação ideológica do sistema tributário. De outro lado, está o povo pobre, especialmente os camponeses massacrados pelo sistema vigente. Entre os pobres estão os levitas, que buscam uma reestruturação social. Com essa visão, vamos tentar perceber, nas entrelinhas do texto, os sonhos da nova sociedade.

Depois de fazer a análise semântica das palavras, podemos comentar o que o texto diz. Nosso comentário segue as subdivisões que propomos para o texto em estudo.

A. Is 65,17-23: Do sofrimento nasce o sonho

A comunidade que está por detrás do Terceiro Isaías apresenta o sonho de uma nova sociedade. Ela sonha com um "novo céu e uma nova terra". Essa nova realidade será tão boa que fará esquecer a dor do passado (65,17). Na verdade, esse passado é o momento presente cheio de opressão, dor e sofrimento.

Isaías 65,17-23 denuncia a situação de opressão vivida pelos pobres, especialmente pelos camponeses e levitas. Entre as conseqüências da exploração temos:

1. Choro e clamor (65,19): o povo clama porque suas crianças, apenas acabam de nascer e já estão morrendo. Aqueles e aquelas que conseguem chegar à idade adulta não chegam a envelhecer por causa da fome, das doenças e das guerras (65,20). A comunidade está perdendo seus anciãos, seus líderes e com eles sua memória e sua perspectiva de futuro.
2. Exploração do trabalhador: O povo está construindo casas para outros morarem e plantando para outros colherem (65,21-22). O fruto do trabalho dos camponeses e camponesas está sendo sugado pela elite para manter sua mordomia e pagar tributo ao império persa.
3. Geração de filhos para a desgraça (65,23): para as mães é uma maldição gerar filhos para a morte através de pestes, guerras, fome.

Os pobres estão expostos a inúmeras humilhações, sentem-se excluídos pela sociedade e por Deus. No entanto, a partir dessa realidade, do cotidiano sofrido e humilhado, nasce o sonho de uma nova sociedade, onde não haverá choro, nem clamor (65,19). O grupo dos levitas catalisa o sonho e o anseio dos pobres, dos camponeses massacrados pelo sistema. É a partir do sofrimento que germina uma nova organização. Os excluídos pelo sistema acreditam que Javé, com a colaboração de todos, vai criar novos céus e nova terra com as seguintes características:

1. Longevidade: As crianças terão um longo futuro. A pessoa com cem anos será considerada ainda menino (65,20).
2. As pessoas poderão usufruir do próprio trabalho: o povo vai construir e morar em casas feitas por suas próprias mãos. Vai plantar e comer do fruto do seu trabalho (65,21-22). A terra, os animais, os seres humanos serão férteis. O fruto da terra (Is 37,30), dos animais e do ventre das mulheres (Dt 7,13; 28,11; 30,9) estará a serviço da comunidade dos eleitos.
3. Todos serão felizes e livres: ninguém se fatigará inutilmente, nem gerará filhos para a desgraça, todos farão parte da raça dos benditos de Javé (Is 65,23).

B. 65,24-25 e 66,1-2a: Passos para a realização do sonho

Nesse texto existem dois oráculos, que consideramos como o coração da mensagem profética. Aqui encontramos alguns passos concretos para uma reorganização social.

O primeiro oráculo traz uma sentença inovadora: o diálogo entre Javé e a raça dos benditos será contínuo. O versículo 24 é um convite aos impérios opressores para sentar-se à mesa e partilhar com os pobres. Os grupos internos e externos, que estão oprimindo os pobres, são convocados a partilhar com os pobres. O profeta anuncia: novas relações sociais serão instauradas (v. 25).

Os chefes e o povo – o lobo e o cordeiro – conviverão em harmonia. O voraz leão não só não matará o boi, como passará a comer da sua comida, que é feno, alimento impróprio para animais carnívoros. O boi/vaca, *baqar*, em termos econômicos, era um animal de força e de produção (1Sm 11,5). Esse animal era usado também como vítima para os sacrifícios (Sl 66,15). Na vida diária do judeu, o boi, a vaca chegavam a ser considerados como parte da família (Jr 3,24; 5,17; Jn 3,7). Aqui em nosso texto, o boi representa o povo, fonte de renda do império assírio. No versículo 25b afirma: "Não se fará mal nem violência em todo o meu monte santo, diz Javé". Monte santo, conforme Isaías, designa a Nova Sião e a Nova Jerusalém, lugar onde se realiza a paz e o júbilo de Deus (cf. Is 56,7; 66,18-22).

O segundo oráculo desautoriza o atual sistema do templo: "Assim diz Javé: O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés. Que casa me haveis de fazer, que lugar para o meu repouso? Tudo isto foi a minha mão que fez, tudo isso me pertence, oráculo de Javé! (66,1-2a). Com este oráculo eles tornam ilegítimo o sistema de corrupção praticado no templo.

Os sacerdotes dirigentes, aliados ao império persa, transformaram o templo em uma máquina opressora destinada a arrancar a produção dos camponeses, levando-os a um empobrecimento progressivo, gerando miséria, falta de perspectivas de vida e escravidão.

A'. Is 66,2b-4: Reorganizar a sociedade a partir do pobre

A partilha com os pobres e a condenação do sistema praticado no templo são os passos para a concretização da nova comunidade. Agora eles começam a reorganizar a sociedade a partir dos pobres e daqueles que observam fielmente a Lei em favor da vida. O grupo é incisivo, apresenta de maneira determinada o primeiro passo para re-

estruturar a sociedade: "Eis para onde estão voltados os meus olhos, para o pobre e para o abatido, para aquele que treme diante da minha palavra" (66,2a).

Para repensar a nova sociedade é preciso partir de outro lugar social: a nova comunidade tem de ser organizada a partir dos pobres e daqueles que se solidarizam com a sua causa. A partir dessa ótica, o grupo olha para a vivência cotidiana da sociedade e percebe que existe corrupção e violência: "Há quem sacrifica um boi, e depois mata um homem" (66,3a; cf. Lv 17,3-4; 24,17-21).

No texto aparecem 4 ações do culto pagão (cf. 66, 3). Ao lado desse culto estão as ações do culto a Javé. Na realidade, o profeta quer dizer que aqueles que realizam atos do culto a Javé cumprem igualmente ritos pagãos. O culto originalmente era a celebração da vida. As pessoas traziam as ofertas em sinal de agradecimento pela colheita abundante. O excedente era socializado em favor dos pobres e desamparados. Agora, as ofertas levadas ao templo serviam para manter os sacerdotes dirigentes e pagar tributos ao império persa: "culto pagão".

No versículo 4 está o castigo para aqueles que optaram por outro caminho: "Também eu zombarei deles e trarei sobre eles aquilo de que têm pavor" (4a). É o momento de mudar a história. Os pobres sempre foram zombados, desacreditados e explorados. "Eu também zombarei" – dessa forma os pobres e os levitas estão desprezando e deslegitimando a classe dirigente. Eles fazem questão de afirmar, com clareza: a exigência para participar da nova sociedade é ouvir a palavra, responder e praticar a justiça (cf. 66, 4b).

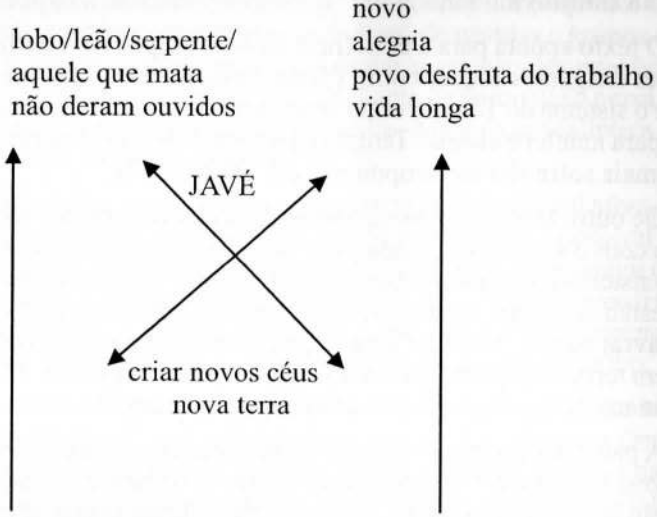
O sonho de uma nova sociedade nasceu a partir das pequenas conquistas. Esperar a criação de "novos céus e nova terra" é uma espera ativa e para isso eles têm um projeto: chamam os dirigentes à partilha e criticam o atual sistema do Templo. Eles iniciam a realização da nova criação. O projeto de "novos céus e nova terra" torna-se evidente ao observamos o movimento do texto.

Movimento do texto

No texto de Is 65,17–66,4 há um jogo de palavras e expressões opostas, vejamos:

Antigo	X	novo
Choro	X	alegria/jubilo
Vida breve	X	vida longa
Amaldiçoado	X	abençoado
Não usufrui	X	usufrui
Lobo	X	cordeiro
Leão	X	boi
Quem mata um homem	X	pobre e aquele que treme
Não deram ouvidos	X	diante da minha palavra

Com esses elementos podemos traçar o quadrilátero semiótico. As flechas entrecruzadas nos apontam os elementos contraditórios, enquanto as flechas debaixo para cima indicam pressuposição dos elementos:



O quadrilátero acima nos possibilita visualizar o movimento do texto, confirmando sua estrutura e mensagem principal. Há uma mudança estrutural da dinâmica da sociedade vigente: Destruição do sistema corrupto do Templo e criação de novas relações sociais e religiosas. Esta mudança acontece com a palavra criar, em hebraico *bara'*, termo usado unicamente para designar a ação de Deus (Gn 1,1). Em Isaías 65,17 é usado para indicar que Javé cria *novos céus e nova terra*.

A palavra céu usada com a palavra terra significa totalidade do universo, inclui a instituição e a organização do mundo (cf. Jr 33,25). A expressão criar nova terra, na linguagem de Isaías, é readquirir a fertilidade da terra produzindo frutos para os camponeses (Is 62,8-9; 65,9-10). Criar uma nova ordem social implica abundância de vida para os pobres e para os fiéis à Lei, solidários com a causa dos pobres.

Dessa forma, o autor ou os autores indicam a intervenção de Deus. Contudo, a espera por Deus não é passiva, mas sim ativa. Eles insistem na participação de todos na nova criação. Eles deslegitimam o atual sistema do Templo e afirmam que a reorganização da nova sociedade será a *partir do pobre e daquele que treme diante da minha palavra* (66,2b). Quem escreve não condena o culto em si, mas o sistema de corrupção

praticado no Templo. Permanece uma questão: *Quem são os pobres e aqueles que tremem diante da minha palavra*?

Situação conflitiva

O texto aponta para a existência de dois grupos em conflito. De um lado, os sacerdotes dirigentes aliados com a Pérsia. Esses sacerdotes praticam o "culto pagão". O culto e o sistema do Templo estão sendo usados para extorquir a produção dos camponeses para manter a elite do Templo e pagar tributos ao império persa. Nesse contexto, quem mais sofre são os camponeses (cf. Jó 24,6-10).

De outro lado, estão os camponeses, a classe oprimida e explorada, que está sofrendo com o sistema praticado pelo Templo. Eles vivem nas aldeias, resistindo através do sistema comunitário, baseado nos laços de parentesco e de vizinhança. No meio deles estão os levitas: alguns vivem no interior, convivem com o povo, são pregadores da palavra; outros vivem no Templo, são considerados sacerdotes de segunda categoria e, em termos de participação no culto, são discriminados. Eles percebem a corrupção que existe no atual sistema praticado pelo Templo.

A partir das pequenas conquistas, dos pequenos sinais de vitória, nasce o sonho de uma nova sociedade. Os camponeses resistem: o clamor e o choro são formas de fazer oposição ao sistema opressor. É através da resistência que se concretiza a utopia. Os camponeses e os levitas fazem aliança para resistir ao sistema opressor. É uma espera ativa que requer a colaboração de todos na consolidação de uma nova ordem social.

Sonho que se sonha junto...

A nova sociedade nasce de pequenos gestos de solidariedade. Vejamos como acontecem as pequenas vitórias do dia-a-dia! *No Brás, Antônio, um homem alcoólatra e portador do HIV, vivia na rua. Começou a participar dos encontros promovidos pela Fraternidade Aids na Rua por causa da comida. Mas, aos poucos, através do acompanhamento, do diálogo, do interesse e dedicação das pessoas da Fraternidade, começou a mudar sua cabeça, teve vontade de participar do Movimento dos Sem-Terra. Tomou consciência da necessidade de construir, morar, plantar e colher. Hoje ele vive num assentamento de terra, é membro participante, empenhado na conquista de vida digna para si e para os companheiros. Dejanira, mulher pobre, vivia na rua, começou a participar de algumas atividades no Brás. Aos poucos, ela foi sentindo a necessidade de se organizar e lutar por seus direitos. Atualmente Dejanira mora num assentamento, vive com dignidade. Dia 23 de maio de 1999, na festa de sua comunidade, batizou seus 3 filhos.*

A proposta apocalíptica é algo real, concreto. É um grande sonho que nasce das pequenas conquistas do dia-a-dia. Nos exemplos acima, um homem e uma mulher da rua tomam consciência dos seus direitos de cidadão e acreditando em si mesmos, na força dos fracos que se organizam em torno do sonho coletivo de ter trabalho, pão, moradia, entram no Movimento dos Sem-Terra... É o engajamento de um excluído, de uma excluída pelo sistema opressor, num projeto coletivo. As pequenas conquistas

são possíveis porque existem pessoas, de diferentes classes sociais, que, junto com os pobres e massacrados pelo sistema, buscam alternativas para uma vida digna. As pequenas vitórias fazem acreditar numa utopia que começa aqui e agora!

A literatura apocalíptica nasce da "somatória" dos sonhos dos pequenos e fracos e daqueles que se comprometem com a causa dos pobres, de pessoas e grupos que assumem, em conjunto, a luta por justiça e igualdade frente às grandes dominações... Foi mais ou menos o que aconteceu com o povo de Judá diante da dominação persa. Grandes propostas supõem pequenas conquistas no dia-a-dia. Atrás da apocalíptica de Isaías há algumas vitórias dos pequenos e fracos.

Nos vários acampamentos dos sem-terra que existem por esse Brasil afora, apesar dos conflitos, infiltrações e dificuldades inerentes a todo movimento, é possível ver estampado no rosto de homens e mulheres a alegria de ser cidadão. É comum ouvir expressões como: "*aqui falta tudo, a comida é pouca, a água é escassa, moradia precária, mas tem dignidade, cabeça erguida. Aqui eu sou Miguel, tenho nome, não sou apenas tio!*" É a alegria de construir, morar, plantar, colher e usufruir do próprio trabalho.

Hoje vivemos no limiar do desespero. Essa situação tem feito surgir muitos grupos denominados "apocalípticos", que conclamam a população a clamar a Deus com jejuns, abstinências e ofertas, suplicando sua intervenção imediata no rumo da história. Existe também grupos e comunidades, como os sem-teto, que suplicam a intervenção de Deus para ajudar a criar solidariedade e eles dão a sua colaboração, e pouco a pouco, engajam-se no Movimento dos Sem-Terra ou em movimentos que lutam por condições dignas de vida.

A sociedade só será transformada quando as pessoas tiverem a coragem e a capacidade de se organizar a partir dos excluídos. E nessa organização é preciso, acima de tudo, somar forças com todos aqueles e aquelas que têm sensibilidade ante a dor do povo e se comprometem efetivamente com a sua causa, independente de sua classe social, etnia ou religião.

Na experiência concreta do dia-a-dia, na luta dos pequenos e das pessoas comprometidas com a justiça, nos sinais de vida, ainda que seja apenas uma brecha, renasce a esperança, o sonho, a utopia de uma nova história. É uma espera ativa. Acreditam que, animados pelo Deus da Vida, podem fazer uma nova história acontecer, acreditam que "os olhos de Deus estão voltados para o pobre e para o abatido, para aquele que treme diante da minha palavra" (Is 66,2b).

Bibliografia

NAKANOSE, Shigeyuki e PEDRO, Enilda de Paula. *Como ler o livro de Malaquias – Defender a Tradição ou a vida?* São Paulo, Paulus, 1996.

WATTS, John D.W. *Isaiah 34–66* (Word Biblical Commentary 25), Texas, Word Books, 1987.

Shigeyuki Nakanose
R. Verbo Divino, 993
04719-001 São Paulo, SP